

Andar aos Papéis: (des)orientações criativas entre arte, infância e escola na contemporaneidade

Andar aos Papéis: Creative (dis)orientations between art, childhood and school in contemporaneity

MARIANA DA COSTA MENDES GONÇALVES DELGADO*

Artigo completo submetido a 15 de Maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

*Portugal, artista plástica, estudante de doutoramento. Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes (FBAUP). Mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas, FBAUP.

AFILIAÇÃO: Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes. Av. Rodrigues de Freitas 265, 4049-021 Porto. E-mail: 200902315@fba.up.pt

Resumo: O presente artigo é uma reflexão inserida num projeto desenvolvido da relação de aproximação dos artistas às escolas primárias. O objetivo foi a criação de um corpo de imagens coletivo reflexo da partilha das identidades, culturas e histórias das crianças, abrindo-se, portanto, um espaço de exploração artística, através de transformações experimentais das cores, formas, símbolos e signos. Este processo em construção é o resultado das tensões e dos cruzamentos dos universos imagéticos singulares com a cultura visual contemporânea. **Palavras chave:** artista/ensinoprimário/projeto / contemporaneidade / experimentação.

Abstract: This article is a reflection embedded in a project developed of the artist's approximation relation to primary schools. The aim was to create a collective body of images which reflects the sharing of identities, cultures and histories of children, opening thus a space of artistic exploration, through experimental transformation of colors, shapes, symbols and signs. This process under construction is the result of tensions and intersections of the singular imagistic universes with the contemporary visual culture.

Keywords: artist / primary school / project / contemporaneity / experimentation.

Introdução

O projeto Andar aos Papéis teve lugar na Escola Básica da Fonte da Moura no Porto, de março a maio de 2016, com uma turma de 2.º ano constituída por 19 alunos, em cooperação com a professora Cristina Sousa. O objetivo do projeto foi a criação de um corpo de imagens desenvolvido na partilha das histórias, culturas e identidades dos alunos. Apoiámo-nos num processo de descoberta e de conflitualidade, num andar desnorteado, experimentando outras possibilidades de entendimento acerca do nosso tempo atual. Para tal, a práxis configurou-se num (des)orientador criativo entre arte, infância e escola na contemporaneidade.

A expressão informal citada no título deste artigo pretende colocar a tónica num discurso de deslocamento crítico. Resta senão partilhar algumas pistas — proposições de atuação aberta — que desloquem e ampliem o espaço de reflexão entre professores, artistas e investigadores em educação artística.

1. Arca de Memórias

O ponto de partida foi trazer para a sala de aula uma «arca de memórias» — objetos, imagens, livros, revistas, música, etc. — uma amostra do universo interior de cada criança, para iniciar uma conversa em grupo, partilhando as suas memórias: Que objetos são esses? Onde pertencem? Quais são as experiências, histórias, acontecimentos associados aos objetos escolhidos? Que relações se conseguem estabelecer das narrativas individuais entre pares? Durante o decorrer do projeto várias crianças trouxeram brinquedos e bonecos que consideravam importantes para elas. Pediram-me várias vezes que as fotografasse com os objetos buscando, naquele gesto, um momento de fixação intencional de uma memória relevante.

Posteriormente, auxiliando-se das suas «arcas de memórias», pediu-se aos estudantes a elaboração de um mapa das ideias (*brainstorming*) onde foram testadas e exploradas hipóteses de composição e organização de um possível projeto. A forma como a criança se relacionou temporal e espacialmente no seu mapa foi livre, pelo que o uso da narrativa linear (cronológica) era opcional.

A sessão organizou-se por grupos de 4 ou 3 elementos conforme os interesses, gostos e objetos em comum. Aquelas crianças que não participaram nos grupos por constrangimentos dos temas, das relações interpessoais, ou por ausência, mais tarde vieram a completar novos grupos e incluídos noutros. Em conjunto realizaram um mapa das ideias usando palavras relacionadas ao tema — jogos, peluches e bonecos — para depois inventarem uma história particular. O facto de não ter revelado (apenas dei pistas) o propósito daquela conversa, tornou-se inquietante para alguns. Várias crianças vieram abordar-me: “ — Não temos ideias!

— Não sabemos o que fazer!” A arquitetura das histórias desenhou-se então em pequenos grupos, enquanto a produção do texto narrativo final foi aprofundado, debatido e construído em conjunto turma e com a professora nas aulas seguintes.

2. Da Natureza dos Materiais aos Materiais da Natureza

Neste *workshop* realizou-se uma apresentação aos alunos sobre possibilidades plásticas de criar instrumentos e suportes — de desenho, pintura, escultura, fotografia — com materiais do dia-a-dia: revistas, jornais, cartão, plástico ou embalagens. Tendo em conta que estes materiais proliferam no quotidiano de todos nós, foi importante a colaboração dos alunos na atividade trazendo também para a sala de aula algum do lixo esquecido lá por casa e até já tínhamos em sala de aula uma recolha feita ao longo do ano letivo.

No momento seguinte da sessão fez-se uma demonstração inicial dos procedimentos subjacentes ao fabrico de folhas de papel reciclado (Figura 1). Passo a passo, do início ao fim, criámos uma linha de montagem. Rasgar as folhas de jornal, encher os tanques de plástico com água, adicionar a cola branca, misturar com as mãos e sentir as texturas e os odores. As grades de rede de organza embebidas na pasta de papel e as esponjas para absorver a água. Depois a mesa previamente forrada a papel onde se transfere a folha húmida da rede para a superfície usando, no seu verso, um pano para retirar o excesso de água permitindo a transferência integral das folhas.

Por vezes sentia-se a frustração — porque, apesar de tudo, é um exercício complexo que exige uma sintonia físico-motora individual e coletiva bem como uma atenção, ora particular ora global, ao processo de produção — e, portanto, alguns dispersaram do caos que se instalou. Afastaram-se e mais tarde voltaram para se envolver na atividade, quando o tempo e o espaço se mostraram ideais. Todos produziram pelo menos duas folhas de papel, não só no próprio dia mas também durante a semana que se seguiu. Paralelamente, um conjunto de crianças executou pincéis (Figura 2) feitos de pauzinhos chineses (cabo), de escovas de vassoura (pelo) e fita-cola de papel (virola) para mais tarde utilizar.

Esta sessão está marcada pelo imprevisível e o pelo erro. Os alunos que aprenderam com eficácia os procedimentos da atividade rapidamente mobilizaram os seus pares, sendo eles próprios os detentores de um saber particular que pretendiam partilhar. O duplo gesto de aprender/ensinar foi tomado por iniciativa própria criando momentos entre eles de partilha horizontal da experiência. Por vezes auxiliava. Por vezes errava. Senti também dúvida e hesitação tal qual eles sentiam. Aprendemos juntos no fazer e na superação.

3. O Gesto e a Ação

As histórias que construíram no início do projeto foram o mote para os trabalhos



Figura 1 · Produção de folhas de papel reciclado. Fonte: própria.

Figura 2 · Produção de pincéis artesanais. Fonte: própria.

realizados em sala de aula. Os suportes (folhas de papel, matrizes) e materiais rudimentares (pincéis, aparos ou lápis) utilizados nesta proposta foram aqueles que construíram anteriormente mas também procurámos introduzir a natureza orgânica da cor. Neste sentido, recorreremos aos elementos orgânicos da cor usando pigmentos para obter as tintas primárias, sendo que cada criança explorou o espectro de cor conforme a sua curiosidade e necessidade específicas da altura.

El aprendiz es un viajero, que se detiene el tiempo que necesita en los lugares de su interés, que disfruta del encuentro inesperado y que se siente más atraído por la intensidad de la experiencia vivida que por la cantidad de fotografías que acumula (Hernández & Ventura, 2008:17).

O objetivo central foi a pesquisa prática sobre os aspetos expressivos da relação entre percepção visual, percepção háptica e representação dos objetos (Figura 3). A articulação do olhar/mão com a dimensão expressiva da gestualidade foi auxiliada pelos instrumentos e matérias individuais, mas também a processos e comportamentos não convencionais, como por exemplo envolver diretamente os corpos (mão, boca, pé ou olhos vendados) e o espaço (chão, parede e mesa) na ação operativa de criar.

4. De Pernas pró Ar

Aquando das explorações previamente iniciadas, deu-se por ora uma atenção central à construção dos projetos. O resgate das memórias do passado, as esperanças para o futuro, e preocupações políticas informaram-se de cores, formas, símbolos e signos produzidos a partir de um conjunto de estratégias metodológicas inseridas num campo de experimentação e dúvida parte intrínseca ao projeto de cada aluno. Contudo mostrou ser, em certa medida, um exercício difícil.

Do aceitar e rejeitar, do perder e ganhar, do representar e interpretar, da montagem à desconstrução, da ausência à visibilidade, foi importante retomar os mapas das ideias e refletir sobre a ideia de eu e de autorretrato implicado nas manifestações artísticas produzidas (Figura 4). Para tal, realizou-se uma apresentação acerca do autorretrato na história da arte, através de um método intencionalmente anacrónico e anti-falocêntrico. Os estudantes foram pois convidados a especular, configurar e aprofundar novos trabalhos tendo em consideração a apresentação efetuada.

Por fim, a apresentação e discussão final resultou num conjunto de trabalhos elencados nos processos desenvolvidos ao longo das várias fases, enquanto experiências significativas e intencionais, individuais e colaborativas, e que claramente podem ser recuperados sob o ponto de vista do questionamento no território contemporâneo da cultura visual, da infância e da educação artística.



Figura 3 · Processo de experimentação usando vários instrumentos operativos. Fonte: própria.

Figura 4 · Trabalho realizado por uma aluna, Maio de 2016. Fonte: própria.

5. Burocracia, Inspeção e Avaliação

Dos documentos acedidos no sítio do agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira, onde se integra a Escola E/B1 da Fonte da Moura, proliferam os planeamentos estratégicos: projeto educativo, projeto curricular, planeamento anual de atividades, plano de melhoria e acompanhamento de ação educativa. Deparamo-nos com um arsenal de dados e de informação sob a forma de relatórios, orientações pedagógicas e de recomendações centrados em áreas de intervenção específicas. O português, a matemática e as ciências experimentais são os eixos basilares desta triangulação sagrada. As artes — expressão plástica, teatro, dança ou a música — não têm menção alguma nestes relatórios.

A criatividade surge ancorada no empreendedorismo e na inovação. As escolas deverão formar mais licenciados em matemática, engenharia e ciências e articular a sua orgânica com a indústria, ou o auto-emprego (Queiroz, 2015:163).

Não é verdade dizer-se que não existe expressão plástica nas escolas primárias porque as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) vieram dar a opção e, portanto, pode-se afirmar somente que na Escola Básica da Fonte da Moura não existe oferta extracurricular de expressão plástica. Creio, de qualquer modo, que o problema e o seu objeto deverão ser olhados noutro prisma.

A omissão está em evidência na falta de consideração educativa e de orientação pedagógica nos relatórios acima assinalados. A centralidade dogmática da trindade curricular é reflexo de políticas educativas vigentes de ação continuada e intensa, de uma organização, gestão e reformas educativas obcecadas com as metas e com os resultados. Este enfoque curricular é um agente de poder e, ao mesmo tempo, uma ferramenta de inspeção do tipo barómetro de avaliação nacional e internacional que, no fundo, justifica as inúmeras intervenções cada vez mais vigilantes e monitorizadas nas escolas.

Os horários da educação artística deslocam-se para as atividades extra-curriculares, optativas, com a justificação da entrada no curriculum das tecnologias de informação, do empreendedorismo, ou ainda pelas causas maiores dos indicadores quantificados: a leitura, a matemática e as ciências (Queiroz, 2015:163).

Recusa-se, em silêncio, um projeto curricular pluridisciplinar onde as diferentes áreas do conhecimento têm importância horizontal e de mútua implicação no enriquecimento curricular das crianças. Não existe um único programa de

expressão plástica para o ensino primário no Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira. O investimento profissional de cada docente na expressão plástica é individual, compartimentado, optativo e superficial porque o esforço, por vezes desinformado e insuficiente, é fruto da segregação e da fragmentação das diferentes áreas do conhecimento.

O projeto implementado na escola em causa é revelador dessa segregação porque quando algumas disciplinas são mais importantes que outras a hierarquia causa isolamento. Consequentemente a fragmentação, devido ao carácter não obrigatório das artes no 1º ciclo de ensino, leva os professores interessados a selecionar projetos, como este, pontuais e descontínuos.

Em suma, políticas educativas aportadas na empregabilidade e competitividade onde a educação artística é excluída do lugar da aprendizagem, informam uma realidade que se apresenta limitada e limitadora pois vela-se a possibilidade de convivência, de conflitar e de desafiar ao restringir-se a experiência do mundo das suas múltiplas variações.

Conclusão

A reflexão aqui apresentada posiciona-se contra o estado das políticas curriculares onde logram formas tradicionais e obsoletas de ensino e aprendizagem, desligadas dos contextos sociais, culturais e políticos nos quais funcionam (Atkinson, 2012).

A atividade orientou-se em quatro momentos não sequenciais e um quinto momento exterior, mas politicamente implicado, ao projeto. A «arca de memórias» foi a âncora conceitual e o referente temático das suas trajetórias. Inventámos suportes, criámos matérias e instrumentos de raiz, isto é, recorremos a materiais do quotidiano e da natureza vulgares e precários. Em consonância, desenvolvemos processos de transformação experimentais articulando a dimensão expressiva, metafórica e comunicativa da cultura visual contemporânea e o presente universo imagético das crianças. Pretendeu-se atuar no domínio do processo em construção, da exploração de cores, formas, símbolos e signos, em detrimento de um qualquer resultado artístico final, prescritivo e hermético.

O desafio urgente a enfrentar na contemporaneidade é pois que a educação artística não seja apenas uma resposta à crise mas parte da sua complexidade, que não reaja somente às realidades, mas que seja ela mesma capaz de produzir novas realidades (Rogoff, 2008).

Referências

- Atkinson, Dennis (2012) "Contemporary Art and Art in Education: The New, Emancipation and Truth." *International Journal of Art & Design Education*. ISSN: 1476-8062. Vol. 31 (1): 5-18.
- Hernández, Fernando & Ventura, Montserrat (2008) *La organización del Currículum por Proyectos de Trabajo: El Conocimiento es un Calidoscopio*. Barcelona: Octaedro. ISBN: 978-84-8063-960-6.
- Hernández, Fernando (2010) *Educación y Cultura Visual*. Barcelona: Octaedro. ISBN: 978-84-9921-063-6.
- Queiroz, João Paulo (2015) "Portugal, Arte e Educação: Entre o Centro e a Periferia." *Revista Trama Interdisciplinar*. ISSN: 2177-5672. Vol. 6 (2): 145-67.
- Rogoff, Irit (2008). "Turning". *E-Flux Journal*. [Consult. 2016-01-12] Disponível em URL: <http://www.e-flux.com/journal/turning/>.